

Américo Junior Nunes da Silva
André Ricardo Lucas Vieira
(Organizadores)

Educação:

Políticas públicas, ensino e formação

IV



Américo Junior Nunes da Silva
André Ricardo Lucas Vieira
(Organizadores)

Educação:

Políticas públicas, ensino e formação

IV



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Educação: políticas públicas, ensino e formação 4

Diagramação: Camila Alves de Cremonesi
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Américo Junior Nunes da Silva
André Ricardo Lucas Vieira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação: políticas públicas, ensino e formação 4 /
Organizadores Américo Junior Nunes da Silva, André
Ricardo Lucas Vieira. – Ponta Grossa - PR: Atena,
2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0284-8

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.848221907>

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da
(Organizador). II. Vieira, André Ricardo Lucas (Organizador).
III. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO








A área de Humanas e, sobretudo, a Educação, vem sofrendo asseverados ataques nos últimos anos, principalmente no que tange ao estabelecer de políticas públicas e valorização de sua produção científica. O cenário político de descuido e destrato com as questões educacionais, vivenciado recentemente e agravado com a pandemia, nos alerta para a necessidade de criação de espaços de resistência. Este livro, intitulado **“Educação: Políticas públicas, ensino e formação”**, da forma como se organiza, é um desses lugares: permite-se ouvir, de diferentes formas, os diferentes sujeitos que fazem parte dos movimentos educacionais.








É importante que as inúmeras problemáticas que circunscrevem a Educação, historicamente, sejam postas e discutidas. Precisamos nos permitir ser ouvidos e a criação de canais de comunicação, como este livro, aproxima a comunidade das diversas ações que são vivenciadas no interior da escola e da universidade. Portanto, os inúmeros capítulos que compõem este livro tornam-se um espaço oportuno de discussão e (re)pensar do campo educacional, considerando os diversos elementos e fatores que o intercrossa.

Os/As autores/as que constroem essa obra são estudantes, professores/as pesquisadores/as, especialistas, mestres/as ou doutores/as e que, muitos/as, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos/as autores/as e discussões por eles/as empreendidas, mobilizam-se também os/as leitores/as e os/as incentivam a reinventarem os seus fazeres pedagógicos e, conseqüentemente, a educação brasileira. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e a todas uma provocativa leitura!

Américo Junior Nunes da Silva
André Ricardo Lucas Vieira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
POLÍTICAS DE AVALIAÇÃO E FORMAÇÃO DOCENTE: TESSITURAS SOBRE A MENSURAÇÃO DO APRENDIZADO E RENDIMENTO ESCOLAR	
Maria Leonilde da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8482219071	
CAPÍTULO 2	12
EDUCAÇÃO INFANTIL E ESPAÇOS PARA APRENDER COM LIBERDADE: A REALIZAÇÃO DO SER MAIS	
Monica Abud Perez de Cerqueira Luz	
Flávia Abud Luz	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8482219072	
CAPÍTULO 3	20
ENSINO-APRENDIZAGEM E POLÍTICAS PÚBLICAS:CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Cristiane Aparecida Silva Nascimento	
Jair Lopes Junior	
Maria Beatriz Campos de Lara Barbosa Marins Peixoto	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8482219073	
CAPÍTULO 4	27
DA MINHA JANELA EU VEJO O MUNDO INTEIRO!	
Marina Nogueira Gomes Neta	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8482219074	
CAPÍTULO 5	30
FUNDAMENTOS PARA UMA PROPOSTA DE ENSINO HISTÓRICO-CRÍTICA SOBRE ENERGIA NUCLEAR A PARTIR DO PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DE SUBMARINOS (PROSUB)	
Israel Silva Figueira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8482219075	
CAPÍTULO 6	43
FLIPGRID CONTANDO A HISTÓRIA DA MATEMÁTICA	
Ynnes Carolinne Rodrigues Chaves Campagnucci	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8482219076	
CAPÍTULO 7	47
CRIANÇAS DE QUATRO ANOS PENSAM SOBRE A ESCRITA! NÃO PENSAM?	
Carla Melissa Klock Scalzitti	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8482219077	


CAPÍTULO 8	56
REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS (1968-1984): A EDUCAÇÃO FÍSICA “EM MARCHA” NO GOVERNO MILITAR Silvano Ferreira de Araújo  https://doi.org/10.22533/at.ed.8482219078	
CAPÍTULO 9	67
A PARTICIPAÇÃO DAS FAMÍLIAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM COM O USO DAS TERTÚLIAS DIALÓGICAS EM CONTEXTO DE PANDEMIA Deusilene da Silva Nascimento Marques Dilsilene Maria Ayres de Santana  https://doi.org/10.22533/at.ed.8482219079	
CAPÍTULO 10	76
O ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO NAS LICENCIATURAS EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA DO PARÁ: DESRESPEITO ÀS ESPECIFICIDADES DA DOCÊNCIA Lucineide Soares do Nascimento  https://doi.org/10.22533/at.ed.84822190710	
CAPÍTULO 11	88
MOBILIZAÇÃO DE SABERES NO PIBID: REFLEXÕES SOBRE A RESSIGNIFICAÇÃO DA TEORIA NA PRÁTICA DOCENTE Chrisley Bruno Ribeiro Camargos Mônica Lana da Paz  https://doi.org/10.22533/at.ed.84822190711	
CAPÍTULO 12	107
ANÁLISE DA QUALIDADE NA EDUCAÇÃO SUPERIOR A DISTÂNCIA NA UFPI À LUZ DO ENADE Marcus Vinícius de Sousa Lopes Jairo de Carvalho Guimarães  https://doi.org/10.22533/at.ed.84822190712	
CAPÍTULO 13	121
DO REAL AO IMAGINÁRIO: A MEDIAÇÃO E AS EXPERIÊNCIAS DA INFÂNCIA Cristiane Schmitt  https://doi.org/10.22533/at.ed.84822190713	
CAPÍTULO 14	128
O RESPEITO E A VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE CULTURAL: A LITERATURA INDÍGENA NA SALA DE AULA Geovana Laura da Silva Souza Banjaqui Nhaga  https://doi.org/10.22533/at.ed.84822190714	

CAPÍTULO 15..... 139

UMA POSSÍVEL ANCESTRALIDADE DO OFÍCIO DE MESTRE-ESCOLA

Maria Alveni Barros Vieira

Ymélia de Lima Verçosa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.84822190715>

CAPÍTULO 16..... 151

DESAFIOS DO ENSINO REMOTO NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA:
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO SUBPROJETO INTERDISCIPLINAR DE LÍNGUA
PORTUGUESA

Elenita Chuproski

Giane Regina Ivancheski


Letícia Michalowski

Luciano Golub Wesselovicz

Paula Elisiane Ribeiro

Rodrigo Augusto Kovalski

Sérgio de Andrade

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.84822190716>

CAPÍTULO 17..... 159

PROGRAMA PNAIC NO AMAZONAS: UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO
CONTINUADA DE PROFESSORES DO ENSINO BÁSICO EM AMBIENTE VIRTUAL

Maria Ione Feitosa Dolzane

Zeina Rebouças C. Thomé

Jéssica Amaral Moraes


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.84822190717>

CAPÍTULO 18..... 170

A UTILIZAÇÃO DOS JOGOS COOPERATIVOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO
ENSINO FUNDAMENTAL DO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE KENNEDY-ES

Bruna Meneguelli da Hora Ferreira

Marcus Antônio da Costa Nunes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.84822190718>

CAPÍTULO 19..... 182

A PANDEMIA E A CONJUNTURA DE CRISE NO FUNCIONAMENTO DO ENSINO
SUPERIOR EM MOÇAMBIQUE: IMPLICAÇÕES E DESAFIOS DO ENSINO COM
RECURSO AOS MEIOS DIGITAIS


Albino Alves Simione

Pedro José Zualo

Benedito Jaime Monjane

Domício Moisés Guambe

António Francisco Sefane

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.84822190719>

CAPÍTULO 20.....	204
DISLEXIA NO AMBIENTE ESCOLAR: SINAIS DE TRANSTORNO DISLÉXICO EM CRIANÇAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Tatinês de Melo Araújo	
Corina Fátima Costa Vasconcelos	
Jadson Justi	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.84822190720	
CAPÍTULO 21.....	218
POR ENTRE CURRÍCULOS, FORMAÇÕES E CINEMA: “ARTES DE FAZER” DE PROFESSORES NA INVENÇÃO DOS COTIDIANOS DE ESCOLAS	
Danielle Piontkovsky	
Maria Regina Lopes Gomes	
Letícia Regina Silva Souza	
Tamili Mardegan da Silva	
Maria Riziane Costa Prates	
Marcela Fraga Gonçalves Campos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.84822190721	
CAPÍTULO 22.....	219
<i>INVENCIONICES</i> CURRICULARES, FORMATIVAS E DIDÁTICAS: PRÁTICAS DOCENTES COMO ARTES DE FAZER COTIDIANAS	
Danielle Piontkovsky	
Maria Regina Lopes Gomes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.84822190722	
CAPÍTULO 23.....	230
<i>PRATICAS POLÍTICAS</i> DOCENTES QUE ATRAVESSAM OS PROCESSOS FORMATIVOS	
Letícia Reginna Silva Souza	
Tamili Mardegan da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.84822190723	
CAPÍTULO 24.....	241
CINEMA E EDUCAÇÃO: <i>ESPAÇOSTEMPOS</i> ÉTICO-ESTÉTICOS DE APRENDIZAGEM E PROBLEMATIZAÇÃO DA AMIZADE E DA ALEGRIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Maria Riziane Costa Prates	
Marcela Fraga Gonçalves Campos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.84822190724	
SOBRE OS ORGANIZADORES	253
ÍNDICE REMISSIVO.....	254

CINEMA E EDUCAÇÃO: *ESPAÇO TEMPOS* ÉTICO-ESTÉTICOS DE APRENDIZAGEM E PROBLEMATIZAÇÃO DA AMIZADE E DA ALEGRIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Data de aceite: 04/07/2022

Maria Riziane Costa Prates

Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Segurança Pública, Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação - Arquitetura e Cidade, Professora da Graduação em Pedagogia e Coordenadora da Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional da Universidade Vila Velha. Professora da Educação Infantil no município da Serra/ES. Líder do grupo de pesquisa CNPq: Aprendizagens afetivas na diferença: Direitos humanos e educação por uma ética e estética da existência e produção de Segurança Pública

Marcela Fraga Gonçalves Campos

Doutoranda em Psicologia Institucional pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Mestre em Ensino de Humanidades pelo Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (Ifes). Especialista em violência doméstica contra crianças e adolescentes pela Universidade de São Paulo (USP). Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Trabalha como Assessora Pedagógica na Subsecretaria Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação da Serra-ES

RESUMO: O Projeto Cinema e Educação, desenvolvido pelo Centro de Formação de Professores “Professor Pedro Valadão Perez” do Município da Serra-ES, no ano de 2016, possibilitou experimentações com curtas, filmes

e vídeos, saraus, músicas, textos e apresentação de trabalhos pelos profissionais da educação, enquanto *espaço tempo* ético-estético de aprendizagens, vivências e potencialização da produção de conhecimento nas escolas, instigando os usos de outros modos de linguagem com temáticas atuais e sensíveis, em que a sociedade está inserida. O projeto foi desenvolvido com profissionais que atuam nas escolas, em diferentes níveis de ensino, da educação infantil ao nono ano do ensino fundamental, e em diferentes funções, na docência, nas funções técnico-administrativas e na coordenação pedagógica, tendo como duração a carga horária de quarenta horas. Utilizou como cunho teórico-metodológico a cartografia (ROLNIK, 2007) em redes de conversações, como exercício político de *afectibilidade* com as práticas tecidas com os sujeitos na composição entre educação e cinema. Considerou também as situações óticas e sonoras puras, nas intercessões de Deleuze (1992; 2010) e Machado (2009), pelos usos das diferentes linguagens estéticas que revelam o imperceptível por meio do cinema, da música, dos textos estudados, dos relatos dos participantes e da troca de experiências sobre as produções no cotidiano escolar. A experimentação de tais movimentos instigou problematizações dos processos de aprendizagem, saindo do que está posto, por intervenções pedagógicas mais inventivas e diferenciais com os sujeitos do cotidiano escolar, objetivando o alcance do imperceptível enquanto tentativa de relação direta com o real.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema. Educação. Formação de Professores.

1 | FORMAÇÃO E APRENDIZAGENS EM CENA...

A formação de professores constitui-se como *espaço tempo*¹ de encontros ético-estéticos de aprendizagem e problematização dos *saberes fazeres* no cotidiano escolar; pela expansão e compartilhamento de linguagens diferenciais que oportunizam uma produção de trabalhos coletivos que podem ajudar a escola a inventar outras lógicas de *aprender ensinar*. Das buscas por outros modos de pensar a educação, surge o projeto “Cinema e Educação”, tomando textos, curtas, vídeos, saraus, músicas e apresentação de trabalhos pelas escolas, como forma de pensamento problematizador da formação e das atitudes cotidianas na escola de professores e estudantes nas suas relações com o conhecimento.



Imagem 1: Logo marca do projeto – arquivo próprio

Assumindo a perspectiva de que práticas e políticas interferirão diretamente na ação pedagógica dos professores, esse projeto buscou elucidar imagens cinematográficas junto aos fazeres docentes nas escolas, como experiências intensivas de usos de imagens, enquanto disparadoras de movimentos formativos e educativos que ajudam na articulação *teórico prática* de produção curricular na escola, permitindo outros modos de relação homem-mundo.

Experimentamos, assim, a composição de processos formativos, pelas análises cartográficas de “um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem” (ROLNIK, 2007, p.23), em redes compreendidas em um

¹ Essa maneira de escrita juntando as palavras, aprendemos com Nilda Alves (1998), como recurso estético de criação de novos sentidos, deslocando o sentido que já não é da primeira ou da segunda palavra ou das demais, mas um sentido outro pelos seus imbricamentos.

constante fazimento, mudança, reconfiguração.

Redes de estudos, de debates e de conversas entre/com os (as) profissionais da educação do município da Serra (professores, pedagogos, estagiários, auxiliares, assistentes técnico-administrativos), enquanto *redes de conversações*, a partir do uso de textos, músicas e imagens cinematográficas, bem como relatos de experiências pelos professores ou apresentações de trabalhos desenvolvidos nas escolas com os estudantes, nas diferentes datas das sessões cinematográficas no centro de formação, por meio de vídeos criados, apresentações teatrais, etc, na possibilidade de problematização de diferentes temáticas da atualidade, bem como conceitos e concepções que delineiam a prática educativa, por outros modos de intervenção pedagógica com os sujeitos nas escolas. Acreditamos com Carvalho (2009, p. 202) que:

Compreender a potência constituinte de redes de conversações e ações complexas, no âmbito do currículo escolar, remete ao entendimento da escola em seu conjunto e em seus atravessamentos, assim como à problemática do tratamento da diferença e da alteridade.

As vivências delineadas por meio das exposições de curtas, vídeos, saraus, músicas e apresentações de trabalhos pelas escolas, buscaram possibilidades de tessituras de vida na diferença e alteridade, no enredamento dos conceitos de formação e de aprendizagem, pensando o cinema a partir de Deleuze (2010, p.4-5), como um campo de conhecimento problematizador e instigador de um movimento do pensamento, pois “pode-se ser muito hábil em decifrar os signos de uma especialidade, mas continuar idiota em tudo o mais [...]”, afinal, como aponta Prates; Bastos (2017, p.82):

Talvez a tarefa dos aprendizes seja a própria redescoberta do tempo, pela aprendizagem, que passa pela vida, pelo que se passa na escola, no entorno, no dia a dia da sala de aula, nas conversas de corredor, conversas de crianças que dizem da vida que levam, que desejam. Uma redescoberta que talvez proporcionasse alegria pelo envolvimento com o currículo escolar, uma aprendizagem como acontecimento que obrigaria um trabalho do pensamento, ou seja, a procura do sentimento ou sentido dos signos do mundo.

Cada encontro, descobertas, aprendizagens como essa procura de sentimento e sentido do mundo, afinal, “nunca se sabe como uma pessoa aprende; mas, de qualquer forma que aprenda, é sempre por intermédio de signos, perdendo tempo, e não pela assimilação de conteúdos objetivos” (DELEUZE, 2010, p.21).



Imagem 2: Encontro cinema e educação com os professores da Serra – arquivo próprio

2 | LUZ, CÂMERA, PENSAMENTO, TEMPO: EXPERIMENTAÇÕES DE AMIZADE E ALEGRIA

Assim, na tentativa de não engessar o tempo, mas organizar os encontros, de modo a potencializar as *redes de conversações* por entre cinema, linguagens e modos diferenciais de ensinar e aprender, organizamos o projeto em uma carga horária de quarenta (40) horas, sendo propostas vinte (20) horas de atividades não presenciais e vinte (20) horas de atividades presenciais no Centro de Formação “Prof. Pedro Valadão Perez”, organizadas conforme datas e filmes listados no cronograma de atividades a seguir:

Data	Em cartaz	Temática	Sinopse
18/08/16	“O menino e o mundo”	Geografia como arte de viver.	O personagem principal é um menino que um dia deixa a aldeia onde vive, em busca de seu pai. Na sua jornada de <u>autodescobrimento</u> , encontra seres estranhos como máquinas-bichos e descobre o problema da desigualdade social, tanto nas fazendas quanto nas indústrias, com o <u>desemprego</u> trazido pela <u>automação</u> .
22/09/16	“Flor do Deserto”	Cultura, Gênero e Sexualidade	O filme retrata a história verídica da modelo Waris Dirie (Liya Kebede). Conta a sua trajetória ao atravessar o deserto de Somália e como foi entrar em uma cidade grande, Londres, que até então nunca tinha sido vista pela garota. Na Inglaterra, foi empregada até ao dia em que foi descoberta pelo fotógrafo Terry Donaldson, fato que mudaria radicalmente a sua vida, transformando-a numa modelo internacional. No auge da sua carreira ela revelou ao mundo que fora vítima de excisão feminina aos cinco anos, iniciando uma luta contra a esta tradição e tornando-se embaixadora da ONU.

27/10/16	“Crianças invisíveis”	Questões socioeconômicas e afetivas	O filme conta a história de crianças em sete países diferentes, inclusive no Brasil e tem o objetivo de mostrar a terrível situação na qual elas vivem hoje.
10/11/16	Curtas diversos	Afetividade e Currículo	Exposição de vários <i>curtas</i> a partir das temáticas da afetividade e currículo para pensar as lógicas de produção do conhecimento na escola.

Imagem 3: Quadro dos filmes em cena no projeto: Cinema e Educação - Serra - 2016/2

Em cada encontro, após a sessão cinematográfica, rodas de conversa eram tecidas, para problematização dos assuntos explicitados nas suas implicações no cotidiano escolar. Encontros tecidos na constituição de *espaços tempos* ético-estéticos de aprendizagem e problematização dos *saberes fazeres* no cotidiano escolar, pelos usos de diferentes linguagens por meio do cinema, da música, do estudo de alguns textos sugeridos pelos cursistas, que envolviam poesias e relatos de experiências nas escolas.

Os debates a partir dos estudos e das experiências foram sendo produzidos como tentativa de afastar-se da mera interpretação dos filmes por seu conteúdo social ou como mero repertório de mensagens e sugestões de como trabalhá-los na escola; pela busca de uma movimentação do pensamento, como um cinema que trata a *imagem-tempo* (DELEUZE, 2010); enquanto possibilidade de ruptura com o esquema saber e fazer, por um esquema de relação do pensamento com o tempo, o que Deleuze (2010) nomeou de “situações óticas e sonoras puras”.

Sobre essas situações óticas e sonoras puras, Machado (2009) aponta, a partir de análises deleuzianas, que o neorealismo marcou a substituição do cinema de ação, ou seja, o cinema clássico, por este cinema de vidência, cinema moderno, ligado ao pensamento e ao tempo.

A relação entre pensamento, tempo e cinema traduz-se como aprendizagem enquanto interpretação dos signos pelas situações óticas e sonoras puras. “[...] Os signos são objeto de um aprendizado temporal, não de um saber abstrato. Aprender é, de início, considerar uma matéria, um objeto, um ser, como se emitsem signos a serem decifrados, interpretados” (Deleuze, 2010, p.4).

[...] Trata-se de um cinema visionário, que substitui a visão, ou dá uma visão pura ou superior, um uso superior da faculdade de ver, um exercício transcendental da faculdade de sentir que suspende o reconhecimento sensorio-motor da coisa, ou a percepção de clichês, como é a percepção comum, proporcionando um conhecimento e uma ação revolucionários (MACHADO, 2009, p.273).

Tomamos, nesse contexto, como ação revolucionária, as próprias redes de conversações e a cartografia, pelos estudos, debates e conversas entre/com os profissionais da educação do município da Serra-ES, nas mudanças de paisagem e pensamento, a partir do uso de textos, músicas e imagens cinematográficas e as suas

problematizações a partir das sensações experimentadas nas sessões cinematográficas e do compartilhamento de outras possibilidades no trato didático-pedagógico do cinema com as crianças e os adolescentes, contemplando diferentes temáticas da atualidade que permeiam a vida desses estudantes. Afinal, o que define um processo cartográfico aliado às redes de conversações, se não uma aprendizagem do próprio sujeito que acompanha o processo e busca o conhecimento? Como aponta Deleuze (1992), damos um curso ou fazemos pesquisa e buscamos aquilo sobre o que ainda não sabemos?

Nessa escrita, foram trazidos apenas os apontamentos compartilhados pelos professores no primeiro dia do projeto “Cinema e Educação”, no Centro de Formação, em agosto de 2016, a partir do filme “O menino e o mundo”. Em outros movimentos de escrita, talvez possamos contemplar as diferentes conversas e contornos tecidos no decorrer de todo o projeto, ocorrido de agosto a novembro do mesmo ano. A ideia foi problematizar, a partir do cinema, conceitos e concepções que delineiam a prática educativa, por outros modos de intervenção pedagógica com os sujeitos nas escolas, como apontado na diversidade de situações a seguir pelos cursistas:

Filme é muito pertinente, né? A gente está cansada, mas todo mundo aqui está cansado, mas você fica o tempo inteiro esperando, as situações que vão acontecer no filme. Vendo o filme eu estava me reportando a um fato que aconteceu lá na escola, um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) que eu trabalho em Jardim Carapina, que é a vivência da maioria das nossas crianças. Ali está retratando uma questão do campo para a cidade, mas o que acontece ali acontece aqui na cidade, com pessoas que na grande maioria vieram por vários motivos para a cidade e é o que as nossas crianças passam. Eu recebi uma criança, tem coisa de um mês, uma criança linda, menina, mas muito agitada, e aí conversando, a mãe está lá em Santa Maria de Jetibá e essa criança aqui. E hoje a mãe chegou, então quando ele encontra o pai de novo (reportando-se à cena do filme), a mãe chegou lá no CMEI na hora da saída. Então a menina estava assim, né, chegou a mãe, chegou o pai, chegou a tia, a menina estava assim, transformada né. Teve um dia que ela deu muito trabalho dentro da sala, então ela veio conversar comigo, ficar comigo, conversar não né, porque a gente tem outras formas de conversar com essa criança, porque ela tem cinco anos né. Aí ela estava me contando um monte de coisas e aí hoje quando a mãe chegou, ela falou que queria muito estar junto da mãe. Então o filme, o tempo inteiro a gente vê as situações que a gente vive com as nossas crianças e com a gente mesmo. A situação que acontece aqui na cidade, do lixo, do abandono, a questão dos trabalhadores e da valorização dos trabalhadores, da saúde, da mídia que influencia tanto, as pessoas vivendo uma vida terrível, na grande maioria, e do outro lado tudo passando lindo e maravilhoso, tudo perfeito e a gente está nessa linha de divisão entre o mundo que aí está, o mundo que eles vivem e o que a gente pode fazer por essas crianças, por esses jovens e por nós também adultos, porque quando tem aquele primeiro, né, o senhor doente, você vê a valorização das outras pessoas, e ele, aquela pessoa doente! Quantos de nós

não estamos doentes, ou vamos ficar doentes, ou já estivemos doentes e muitas vezes a gente não é valorizada. Então assim, o filme para mim, eu falo que é uma porrada, mas aquelas porradas que a gente tem que levar de vez em quando, porque a gente vive isso tudo aí, menos ou mais, mas a gente vive, e preocupa porque o filme tem um final feliz. Mas quem dera que todos os finais fossem felizes, quem dera!

Eu acredito que o filme, é a minha fala né, o filme pode transformar a vida de uma pessoa. Eu acho que ele tem esse poder de transformação, porque quando a gente trata da criança, eu acho que a gente tem que pensar nessa forma também, o que vai transformar a vida dela, a partir de que momento o filme vai fazer a diferença na vida dela e o que a gente pode estar trabalhando. No caso desse filme aí, eu observei que você pode estar trabalhando diversas coisas, desde a arte, como a professora trouxe (referindo-se à apresentação de um trabalho teatral desenvolvido por uma professora de arte com os estudantes, antes da sessão de cinema), como também a questão de valores, a questão da valorização da família e da importância da natureza, é importante trabalhar essas questões. Então, para mim esse filme é completo na visão infantil, que se para a gente tocou, né, alguns momentos ali foram chocantes, a perda, a distância, os trabalhadores, o sofrimento. Então trabalhar esse sentimento também na criança através do filme é uma transformação, eu acredito, na vida dela. É uma ferramenta legal, bem poderosa dentro da escola para a gente poder trabalhar com as crianças. A gente pode fazer diversas coisas através do filme, eu acredito. E esse filme para mim é completo.

Você se permitir, esse tempo de você sentir. Quando ali na bicicleta ele estava numa situação de risco, porque você dirigindo uma bicicleta ou um carro você não pode fechar os olhos né? Mas aí, essa parte aí, me chamou a atenção nessa parte assim, mesmo nas adversidades você arranjar um tempo para você sentir. Sentir o outro, sentir a criança, sentir o momento, o que está faltando, o que está precisando, porque às vezes naquela aceleração, você não se permite dar aquela parada para refletir, para pensar, para repensar, para recriar ou até mesmo criar. Isso Achei importante!

A questão social também eu percebi, assim, sair do interior, vir para a cidade, o mundo aqui, as favelas, como se sustentar, quantas coisas que ele teve que fazer: sair com a bicicleta, cantar para ganhar um trocadinho! Então tudo isso as nossas crianças fazem, e outra coisa também interessante, é o início do filme quando a criança vê tudo, criança vê tudo, ela quer ver aquilo, ela quer brincar com aquilo, ela vê o pássaro, ela tem o mundo e de repente a gente vai para a sala de aula e fecha, não deixa a criança criar. Isso que é bonito. Você vê como ela quer ver tudo, quer tocar tudo e a gente restringe naquele caderno, só fazer aquilo ali, e a criança não quer ir mais para a escola, está numa escola chata, só aquilo. É bom a gente pensar também no fazer! O que você faz na sala de aula? Nossas crianças têm capacidade, vão para a aula para desenvolver essa capacidade! Eu dou aula para o primeiro ano, eu vejo assim, eu fico com medo de podar, fico com medo de engessar a cabeça e a criança parar de criar e de pensar.

Falas de professoras provocadas pelo filme, pela sensação que liga suas emoções aos contextos de vida na escola. Daí o poder do cinema na educação e na formação de professores, não como simples ferramenta didático-pedagógica, mas como expressão de sentimentos, de novos mundos possíveis, de novas relações em sala de aula, de novos modos de produção de conhecimento, pela criação das crianças, pela experimentação deleuziana de situações óticas e sonoras puras.

O filme “O menino e o mundo” convoca o pensamento a indagar situações cotidianas. Apesar da vida sofrida do menino, em termos afetivos, sociais, econômicos, a criança convoca amizades e alegria como potência do simples, do momento presente. Convoca sentir o vento no rosto, ao saírem de bicicleta e fecharem os olhos. Convoca a viver espaços e tempos de maneira ética e estética. Convoca a pensar como nos deparamos com situações adversas na educação e nos reinventamos, criamos novos modos de relacionar e lidar com essas situações na escola. O cinema convoca, pois, uma questão de amizade e alegria.

Amizade e alegria como experimentação, multiplicidade, intensidade e estética da existência que procura alternativas para as práticas de subjetividades experimentadas no cotidiano da escola. Práticas que tentam se desprender de imagens que monopolizam o imaginário social e maneiras de pensar, de agir, por uma vida que liberte daquilo que se coloca como “verdadeiro”, como as maneiras de ser professor, de ser criança, de se delinear modos de formação docente, para tornarmos outros, daquilo que somos na tentativa de reinvenção do exercício político de viver e conviver na educação (PRATES, 2016, p.133).

Uma pedagoga, nesse movimento formativo, coloca: “olha, tem uma menina na minha escola que apronta todas, todas mesmo, mas a gente lida com ela. Esse filme está me ajudando a pensar nela e compreendê-la”. Assim surgem indagações: o que pode um filme? O que pode o cinema? O que pode uma escola? O que pode uma educação? O que podem pessoas juntas em formação? Não sabemos! Sabemos que tais experiências podem provocar outras e outras.

3 | O QUE PODEM OS ESPAÇOS ÉTICO-ESTÉTICOS DE PROBLEMATIZAÇÃO?

Nesse movimento formativo, por entre cinema e educação, debates e trocas, os professores(as) inventam, pelos afetos experimentados, cada um a seu modo e possibilidade, modos diferenciais de lidar com o conhecimento, com as crianças, com o cotidiano da escola e com a própria docência.

O cinema e a educação compõem, assim, produções inventadas, modos de viver e fazer educação, pela invenção de modos outros de compor aprendizagens e ocupar os espaços e tempos na escola.

As problematizações das professoras cursistas também remeteu-nos à história de

Rubem Alves, em um de seus escritos, em que conta que quando criança tinha uma vizinha que tinha um pé de pitanga no quintal e ele olhava para aquelas pitangas e as desejava. Conta que vivia inventando uma estratégia para pegar as pitangas. Ele planejava pular o muro à noite, mas sentia medo e concluía que a sua mãe poderia repreendê-lo. Ficava arranjando maneiras de pegar as pitangas. Um belo dia, ele viu uma lata, fez dentes nela, pegou uma vara enorme, amarrou na lata e foi com essa invenção até o quintal da vizinha, nas pitangas, e conseguiu arrancá-las e saciar o seu desejo.

Continuando a história, o autor conta que depois daquela casa foi morar em um prédio e teve filhos e netos. Os filhos e netos iam para o seu apartamento, mas o que se via da janela, não eram pitangas, somente prédios. Assim, Alves lembra que desejou pitangas e achou um jeito de saciar o seu desejo. Os seus filhos e netos desejarão outras coisas.

Importa, portanto, nesse movimento, compreender os desejos das crianças, para, como professores(as), ajudá-las a concretizá-los. Talvez o cinema ajude nesse processo, pela possibilidade de descoberta de novos modos de relação do sujeito com o mundo. E as professoras cursistas continuam suas problematizações:

Uma coisa que me chamou atenção é o quanto as situações do dia a dia impactam as crianças. Muitas vezes nós não percebemos ou não conseguimos lidar com isso na sala de aula. No filme, a vida do menino parou, ele queria encontrar o pai, não tinha outro objetivo. E à medida que as coisas iam acontecendo e ele ia presenciando cenas, o olhinho dele demonstrava que aquilo impactava muito, mas ele continuava a perseguir o seu desejo de encontrar o pai. Eu acho que isso é um desafio para nós, no sentido de compreendermos que aprender a ler, escrever, contar não é tarefa simples, mas complexa, elas exigem uma série de conexões, uma série de coisas. E os desejos, buscas, sonhos e medos das crianças, interferem nessa aprendizagem. Então como nós educadores podemos encontrar um meio de ouvir as crianças e também de fazer o nosso trabalho? Porque ele precisa avançar e não pode ficar parado naquela situação, mas não podemos ignorar isso.

É importante trabalhar a positividade também, perante a vida. Eu trabalhei com o filme “os Croods”, a um tempo atrás e assim, um dos aspectos que eu trabalhei muito com as crianças foi em relação a buscar ser feliz independente da situação. Então o Guy, que é o personagem, ele era feliz. Então uma das coisas que a gente trabalhava quando falava sobre o filme, era justamente isso, você tem pai, não? O Guy não tinha pai, não tinha mãe, não tinha família, ele era sozinho, mas ele era feliz. Se você analisar o caso de cada criança, temos quase 85% da turma com problemas graves, principalmente para quem trabalha em sala de aula com grupo de risco, os problemas são fatos. E assim, não adianta a gente ficar com pena, não adianta a gente ficar vitimizando as crianças. Temos mesmo que ter um papel de que? E aí? Está aí a situação, e agora? O que nós vamos fazer? Então, o filme pode nos ajudar a dizer que temos que ser como o Guy. Aí a passagem do filme que eu trabalhei foi justamente, assim, viver com a situação, com a adversidade mesmo.

Tudo que vocês estão falando, me remeteu ao Projeto Afeto do Júnior. Ele chega

numa turma de adolescentes, violência e tudo que a gente sabe que acontece e o que ele consegue fazer com essa turma? Ele quer trabalhar e para trabalhar ele tinha que ir por algum caminho, e o caminho foi conhecer os adolescentes e poder trabalhar a disciplina dele, que é a geografia, e ele consegue fazer isso. Ao mesmo tempo que trabalha geografia, ele consegue trabalhar o afeto com esta turma. Através de que? Das possibilidades dentro dos problemas que cada aluno, que aquela turma apresenta. Então assim, a gente tem N problemas. O que a gente tem que pensar é qual a possibilidade de trabalhar dentro desse problema?

Eu me lembrei de um que eu estava com uma criança há três meses na educação infantil e a criança não abria a boca. Um dia eu cheguei com a blusa do Star Wars, porque eu gosto muito de filme. Aí eu estava passando e o menino olha para mim, ele fez quatro anos agora, e diz “Star Wars”. Aí eu olhei para o menino, ele não fala com ninguém, ele resmunga. Aí eu olhei para o menino, meu Deus do céu, o menino está falando. Então quando você vai imaginar que a criança vai olhar, pode ser porque ele está vendo na televisão, porque o filme ele não pode ter visto porque é pesado. Olha eu não acreditei. Aí eu passava na frente dele assim, para ele ver mesmo a camisa, sabe! Essa possibilidade foi um acaso. Eu estou falando assim, de realmente a gente parar e pensar o que podemos fazer. Pode ser que da primeira vez, dessa, mil vezes dê errado, mas a gente tentar fazer alguma coisa. Porque muitas vezes a gente não usa o cinema por comodismo, por medo ou por desacreditar, mas quem sofre é a gente e as crianças também.

Sou professora de LIBRAS e lembrei de uma história que aconteceu em 2013. A professora, no final do ano, ela ia fazer um trabalho de Português sobre profissões no 9º ano. Aí cada aluno tinha que ver o sonho e apresentar um trabalho sobre aquilo. Aí ela chegou para mim e falou assim “professora como que a gente vai fazer com o Fábio?”. E eu falei “como assim?”, Ela falou “ele é surdo”. Aí eu falei “ele vai fazer igual aos outros”. E ela, “mas como?”. Eu disse, “pergunta para ele, você não perguntou para cada um? Pergunta para ele e vê o que ele pensa”. Ela perguntou para ele qual o sonho dele, aí ele falou assim que era ser diretor de supermercado. Eu falei, “nossa! Diretor de supermercado?” A professora perguntou para ele como iria fazer o trabalho. Ele perguntou para mim se eu poderia ir ao supermercado com ele para fazer uma entrevista. Aí eu falei “Sério? Como você vai fazer? Como? Explica”. Aí ele falou assim “você pega um aluno ouvinte e ele filma”. A mãe dele tem esse filme lá com ele. Olha a mente dele! E a professora achando que ele não tinha essa possibilidade de fazer. E nós fomos e nosso grupo era da educação especial, nós pegamos o grupo focado nisso, eles filmaram. A estagiária que estava junto com a gente ajudava a auxiliá-lo, dentro do supermercado. Conversei, ligamos junto com a escola para o supermercado mais próximo da escola, autorizou a sair com ele, nós fomos lá, marcamos, agendamos. A gerente do supermercado foi quem o atendeu. Ela apresentou todo o supermercado, todo o setor, tudo como funcionava, gravamos, editamos, trabalhamos e no dia da apresentação, ele foi aplaudido de pé. Então, olha a possibilidade

do vídeo. Hoje, a partir do filme, lembrei dessa história de inclusão. Ele chorou, foi lindo. A ideia foi toda dele. A estagiária que atendeu no dia também tem essa gravação. A escola deve ter. Ficou muito bonito o trabalho dele.

As professoras narram situações pontuais do cotidiano da escola, desafiando-nos a pensar, com o cinema, como lidar com os desejos e a produção de verdades ou mesmo com uma educação que seja inclusiva! Concordamos com a colocação da professora que afirma ser necessário ouvir as crianças para compor com elas, mas é preciso problematizar a colocação da segunda professora que afirma “que temos que ser como o Guy” do filme, “Os croods”. Um filme pode e precisa ser mais que mero exemplo de como podemos agir, um filme pode ajudar-nos a ser mais felizes, a agir positivamente, mas não pode atuar como receita, pois assim seria mera representação de um real.

A terceira e a quarta professoras experimentam afirmações da potência dos encontros na escola, da potência de um filme ou de como uma ideia pode conectar crianças e professores por uma educação mais inclusiva e, na diferença, respeitando o outro como legítimo na relação, como afirma Maturana (1998).

A experimentação de tais movimentos instigou problematizações dos processos de aprendizagem, saindo do que está posto para intervenções pedagógicas mais inventivas e diferenciais com os sujeitos do cotidiano da escola.

Assim, nas *redes de conversações*, professores e demais sujeitos participantes do projeto narraram experiências, a partir dos filmes e práticas cotidianas na escola, que vão além de uma mera utilização metodológica do filme, mas como possibilidade de expressão e movimentação do pensamento. A isso também chamamos de alegria, como reação a um signo qualquer, como problematização pelos afetos produzidos na relação com o corpo cinematográfico. Mas, afinal, *o que pode um corpo?* (ESPINOSA, 2011), o que pode uma imagem, uma conversa, uma formação? Talvez uma composição! A ampliação ou diminuição da potência de agir! Afetar e ser afetado! Enfim, como pode um corpo-filme ajudar na constituição de uma aprendizagem?

O filme entra, nesse sentido, não somente como conteúdo relacionado à aula, mas como momento de vivência de um outro tempo de relações com a escola e com o próprio conhecimento, o que remete a pensar o cinema e a educação enquanto modos possíveis de problematização da produção de conhecimento na escola, pela invenção de outras práticas didático-pedagógicas num esforço coletivo de vivenciar linguagens estéticas enquanto experimentações singulares de conhecimento e de vida.

REFERÊNCIAS

ALVES; Nilda. **Trajatórias e redes na formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

CARVALHO; Janete Magalhães. **O cotidiano escolar como comunidade de afetos**. Rio de Janeiro: DP&A; Brasília, DF, CNPq, 2009.

DELEUZE; Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

_____. **Proust e os signos**. 2ª ed. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 2010.

ESPINOSA, Benedictus de. **Ética / Spinoza**. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Tradução de José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte. Editora UFMG, 1998.

PRATES, Maria Riziane Costa. **A força revolucionária das experimentações políticas de amizade, alegria e grupalidade nos currículos e na formação de professores da educação infantil**. Tese (Doutorado em educação). Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação, 2016.

_____; BASTOS, Clara Melo Casotti. Produção de subjetividade em diferentes espaços e tempos de aprendizagem a partir de imagens e narrativas de crianças e professoras. In: CARVALHO, Janete Magalhães (org.). **Cinema e formação de professores e currículos e...** Curitiba: CRV, 2017.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2007.

SOBRE OS ORGANIZADORES

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA - Professor do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (Uneb - Campus VII) e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos - PPGESA (Uneb - Campus III). Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Mestre em Educação pela Universidade de Brasília (UnB), Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade Regional de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias (IESCFAC), Especialista em Educação Matemática e Licenciado em Matemática pelo Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco (CESVASF). Foi professor e diretor escolar na Educação Básica. Coordenou o curso de Licenciatura em Matemática e o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) no Campus IX da Uneb. Foi coordenador adjunto, no estado da Bahia, dos programas Pró-Letramento e PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa). Participou, como formador, do PNAIC/UFSCar, ocorrido no Estado de São Paulo. Pesquisa na área de formação de professores que ensinam Matemática, Ludicidade e Narrativas. Integra o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática (CNPq/UFSCar), na condição de pesquisador, o Grupo Educação, Desenvolvimento e Profissionalização do Educador (CNPq/PPGESA-Uneb), na condição de vice-líder e o Laboratório de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática (CNPq/LEPEM-Uneb) na condição de líder. É editor-chefe da Revista Baiana de Educação Matemática (RBEM) e da Revista Multidisciplinar do Núcleo de Pesquisa e Extensão (RevNUPE); e coordenador do Encontro de Ludicidade e Educação Matemática (ELEM).

ANDRÉ RICARDO LUCAS VIEIRA - Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Sergipe - UFS/PPGED. Mestre em Educação de Jovens e Adultos pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB/MPEJA (2018), com Especialização em Tópicos Especiais de Matemática (2020), Ensino de Matemática (2018), Educação de Jovens e Adultos (2016), Matemática Financeira e Estatística (2015) e Gestão Escolar (2008). Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Ciência, Tecnologia e Educação (2021) e Licenciado em Matemática pela Universidade Nove de Julho (2000). Atualmente é professor EBTT efetivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano - IFSertãoPE. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Formação de Professores e Tecnologias da Informação e Comunicação - FOPTIC (UFS/CNPq) e do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Pedagogia Universitária - NEPPU (UEFS/CNPq). É editor assistente da Revista Baiana de Educação Matemática - RBEM.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ambiente virtual 116, 159, 162, 166, 167, 168

Análise do comportamento 20, 21, 22, 23, 25, 26

Anos iniciais do ensino fundamental 26, 204, 205, 206

Antiguidade 139, 141, 142, 148, 149

Aprendizagem 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 14, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 40, 47, 49, 52, 64, 67, 68, 70, 71, 73, 74, 75, 91, 92, 97, 98, 100, 102, 103, 104, 105, 111, 116, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 144, 151, 152, 153, 159, 160, 161, 162, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 175, 176, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 189, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 227, 234, 235, 241, 242, 243, 245, 246, 249, 251, 252

Avaliação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 68, 83, 90, 95, 102, 108, 109, 111, 112, 115, 118, 119, 120, 175, 189, 200, 210, 211, 214, 215, 216, 234, 235

C

Ciências 12, 20, 26, 30, 32, 33, 37, 39, 41, 42, 80, 86, 93, 94, 128, 149, 182, 202, 203, 221, 253

Contexto remoto 151, 156

Cotidianos 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 236, 237, 238, 239, 240

Crise sanitária 182, 183, 189, 195, 200, 201

Currículos 4, 7, 14, 22, 91, 99, 104, 157, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 226, 227, 228, 230, 232, 239, 240, 252

D

Dislexia 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217

Diversidade 18, 76, 77, 117, 128, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 168, 172, 177, 203, 224, 246

Docente 1, 2, 4, 5, 6, 7, 24, 37, 39, 40, 41, 43, 44, 59, 67, 70, 79, 80, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 140, 150, 152, 153, 157, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 200, 201, 202, 220, 223, 227, 228, 230, 233, 234, 238, 239, 240, 248, 253

E

Educação bancária 12, 13, 14

Educação física 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 170, 172, 173, 174, 177, 178, 179, 181, 226

Educação infantil 10, 12, 45, 47, 48, 49, 54, 121, 122, 126, 127, 181, 215, 241, 246, 250, 252

Educação superior a distância 107, 109, 119

ENADE 107, 108, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 120

Energia nuclear 30, 32, 34, 35, 37, 38, 39, 41, 42

Ensino 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 32, 33, 37, 39, 41, 42, 44, 45, 51, 56, 59, 63, 65, 66, 67, 68, 71, 73, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 89, 91, 92, 93, 97, 100, 101, 102, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 128, 135, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 211, 212, 214, 215, 216, 218, 219, 220, 227, 230, 231, 232, 239, 241, 253

Ensino fundamental 4, 5, 26, 27, 29, 44, 128, 142, 151, 152, 153, 157, 158, 170, 171, 172, 173, 174, 180, 181, 204, 205, 206, 211, 216, 218, 219, 220, 241

Ensino superior 76, 77, 80, 105, 107, 108, 110, 111, 112, 118, 119, 120, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 253

Ensino-aprendizagem 20, 21, 22, 23, 25, 26, 92, 111, 116, 171, 175, 182, 185, 186, 187, 193, 195, 200, 201, 205, 212, 214, 227

Escola 1, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 14, 24, 26, 27, 28, 29, 37, 40, 41, 42, 43, 47, 48, 51, 52, 63, 65, 67, 68, 71, 72, 73, 77, 80, 84, 86, 93, 94, 97, 121, 122, 123, 126, 128, 130, 134, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 152, 155, 157, 158, 168, 171, 172, 174, 176, 177, 180, 181, 208, 209, 210, 211, 216, 217, 223, 224, 225, 226, 228, 232, 234, 236, 237, 239, 242, 243, 245, 246, 247, 248, 250, 251

Estágio supervisionado obrigatório 76, 77, 80, 83, 85

Estudantes 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 27, 28, 29, 43, 44, 45, 83, 89, 92, 95, 96, 108, 109, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 120, 147, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 189, 190, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 205, 206, 209, 210, 211, 212, 214, 219, 220, 222, 223, 224, 225, 226, 242, 243, 246, 247

F

Famílias 28, 29, 67, 68, 71, 72, 121, 122, 123, 126, 141, 144, 145, 147, 193

Formação de professores 1, 20, 23, 26, 56, 57, 72, 76, 80, 81, 84, 86, 89, 92, 101, 105, 150, 151, 159, 175, 216, 220, 228, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 239, 241, 242, 248, 251, 252, 253

H

História 12, 13, 18, 25, 28, 31, 32, 34, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 65, 66, 78, 79, 89, 123, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 135, 137, 139, 140, 141, 142, 149, 150, 210, 228, 240, 244, 245, 248, 249, 250, 251

Humanizada 12, 200

I

Imprensa periódica 56, 58, 65

J

Jogos cooperativos 170, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181

L

Língua portuguesa 1, 5, 24, 26, 61, 81, 149, 151, 153, 154, 155, 190

Linguagem escrita 47, 48, 51, 52, 54, 217

Literatura indígena 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 137, 138

M

Medievos 139

Mudanças 1, 6, 25, 27, 28, 60, 77, 108, 111, 143, 146, 157, 171, 182, 184, 186, 187, 188, 193, 199, 200, 245

O

Opressor 12, 14, 16, 18

Oprimido 12, 14, 15, 16, 18, 19

P

Pandemia 27, 28, 36, 44, 67, 151, 152, 156, 157, 173, 179, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 199, 200, 201, 202, 203

Pedagogia histórico-crítica 30, 32, 42

Pedagogia libertadora 12, 16

PIBID 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 253

Prática docente 24, 39, 40, 41, 59, 84, 88, 90, 92, 93, 94, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 173, 174, 180, 202, 223, 239

Professor 1, 3, 8, 9, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 30, 40, 41, 43, 44, 54, 61, 62, 67, 68, 70, 71, 73, 78, 82, 83, 84, 89, 92, 93, 94, 97, 98, 99, 100, 103, 105, 110, 116, 121, 122, 128, 129, 130, 133, 136, 140, 141, 142, 151, 152, 153, 154, 155, 157, 158, 168, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 181, 189, 193, 197, 200, 204, 206, 211, 212, 213, 214, 216, 223, 226, 230, 231, 234, 235, 238, 239, 241, 248, 253

PROSUB 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42

Q

Qualidade 4, 5, 6, 7, 9, 10, 15, 51, 65, 72, 77, 79, 84, 85, 86, 92, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 118, 119, 120, 140, 141, 148, 153, 168, 173, 181, 185, 188, 194, 195, 198, 201,

212, 223, 231, 235

R

Realismo nominal 47, 48, 49, 52, 53

Residência pedagógica 76, 151, 152, 153, 157, 158

Respeito 5, 9, 13, 17, 21, 50, 56, 58, 68, 71, 73, 74, 77, 90, 94, 103, 104, 117, 124, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 136, 137, 138, 145, 153, 156, 172, 177, 200, 223, 226, 230, 231

Ressignificação 88, 90, 94, 95, 96, 99, 100, 101, 103, 104

Revistas pedagógicas 56, 59

S

Saberes docentes 23, 88, 92, 99, 106, 239

Sala de aula 8, 16, 22, 28, 29, 44, 49, 52, 84, 94, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 117, 121, 123, 128, 129, 130, 134, 135, 136, 137, 138, 152, 156, 157, 158, 173, 174, 175, 176, 179, 180, 181, 185, 186, 192, 193, 197, 204, 212, 213, 225, 243, 247, 248, 249

T

Tertúlias dialógicas 67, 68, 71, 72, 73, 74

U

UFPI 61, 107, 108, 109, 110, 113, 118, 119

V

Valorização cultural 128


Valorização da docência 76, 78

Educação:

Políticas públicas, ensino e formação

IV



 www.arenaeditora.com.br
 contato@arenaeditora.com.br
 @arenaeditora
 www.facebook.com/arenaeditora.com.br






Ano 2022

Educação:

Políticas públicas, ensino e formação

IV



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2022